

## **Evasão na licenciatura: estudo de caso**

Camila Carvalho<sup>1</sup>

Vitor Wagner Neto de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresentaremos os resultados preliminares da pesquisa desenvolvida pelo grupo PET (Programa de Educação Tutorial, História Conexões de Saberes) sobre a evasão no Curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, que tem como principal objetivo aprender os motivos que têm levado os alunos do curso a desistirem da graduação. A partir da análise da evasão em nível nacional busca-se aproximar o fator para a realidade da UFMS/CPTL, que sofre com a contradição de melhora no quadro docente e concomitante a desistência crescente, especialmente após a metodologia de ingresso ter se alterado de vestibular para ENEM/SISU. No diálogo com pesquisas realizadas em outras universidades e na análise dos dados da realidade local, pretende-se compreender este fenômeno.

**Palavras-chave:** Licenciatura; Evasão; Análise.

## **Dropouts in licensiature: a case study**

**ABSTRACT:** In this article we will present the preliminary results of the research developed by the PET Group (Tutorial education program) about the evasion course degree in History at the Federal University of Mato Grosso do Sul, TrêsLagoas Campus, which has as main objective to learn the motives that have led the students to give up graduation. Through an analysis of the national-level evasion, approaching the factor for the reality of UFMS/CPTL, who suffers from the contradiction of improved teaching and concomitant increasing retirement, especially after ticket methodology have been changed from SATS for ENEM/SISU. In dialogue with research conducted at other universities and in data analysis of local reality to understand this phenomenon.

**Keywords:** Degree; Circumvention; Analysis.

## **INTRODUÇÃO**

O Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL), foi criado em abril de

---

<sup>1</sup>Graduanda em História na UFMS, Campus de Três Lagoas, bolsista do PET-História Conexões de Saberes.

<sup>2</sup> Professor adjunto em História da UFMS, Campus de Três Lagoas. Tutor do Grupo PET-História Conexões de Saberes.

1970, no então Instituto Superior de Pedagogia, em seguida Centro Pedagógico de Três Lagoas da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT).<sup>3</sup> Com a divisão do Estado de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul, a UEMT foi federalizada e passou a ser denominada de Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.<sup>4</sup>

Desde então o Curso tem funcionado de forma regular e ao longo desse tempo centenas de alunos se formaram professores, a maioria atuando em diferentes sistemas de Ensino do país, sobretudo nos estados de Mato Grosso do Sul e de São Paulo, região que divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul.

A forma de ingresso anual no Curso foi pela modalidade de vestibular até 2010. Em 2011 a seleção de ingressos passou a ser via Sistema de Seleção Unificada (SISU) e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Contraditoriamente à fase de melhora no quadro docente (com maior número de doutores) e de produção de pesquisa, após 2010 o Curso tem passado por um período de baixas, tanto na entrada quanto na permanência dos discentes. Com o objetivo de analisar o fenômeno, no decorrer dos anos de 2011, 2012 e 2013, o Programa de Educação Tutorial (PET-História Conexões de Saberes da UFMS/CPTL) acompanhou o movimento de matrícula, diplomação e desistência do quadro discente do Curso no período de 2009 (início da acentuação do número de desistentes) a 2013.

Um questionário constituído de 15 perguntas foi aplicado aos desistentes com o objetivo de levantar os motivos da desistência, os fatores que influíram na escolha do Curso, além de questões que abrangem a realidade socioeconômica do aluno.

Ao levantar as causas da evasão o Grupo PET-História pretende contribuir na posterior atuação dos docentes e da Instituição junto aos alunos e na comunidade externa para a solução do gargalo. A seguir apresentamos a metodologia adotada para a pesquisa e os resultados preliminares.

---

<sup>3</sup> A primeira graduação em História em uma instituição pública no Sul de Mato Grosso foi criada em 1968 no Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá, também transformado em Centro Pedagógico de Corumbá em 1970. Em 1973 criaram-se cursos de História nos Centros Pedagógicos de Aquidauana e de Dourados. Em 1971 iniciou a primeira graduação privada em História na Faculdade Dom Bosco (depois Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso e atual Universidade Dom Bosco).

<sup>4</sup>Ver UFMS. *Projeto Pedagógico do Curso de História – Licenciatura*. 2013. <http://historiacptl.ufms.br/wp-content/uploads/2013/05/ppp.pdf>

## **METODOLOGIA**

Um fator preponderante que contribuiu para o êxito apenas parcial da pesquisa foi o não retorno dos questionários por parte dos desistentes, após as investidas via e-mail, redes sociais e correspondência física. Por diversos motivos parte significativa dos desistentes não respondeu ao questionário, um dos pilares da pesquisa que conta ainda com os dados institucionais de número de matriculados, de concluintes e de desistentes. Por sua vez, o fator que tornou, em grande parte, a realização do levantamento de dados sobre a desistência no curso possível foi o acesso aos dados das evasões nos anos anteriores (2009, 2010, 2011, 2012 e 2013) e as listas com a relação de matriculados por disciplinas, o que também possibilitou obter o número tanto de desistentes quanto de permanentes.

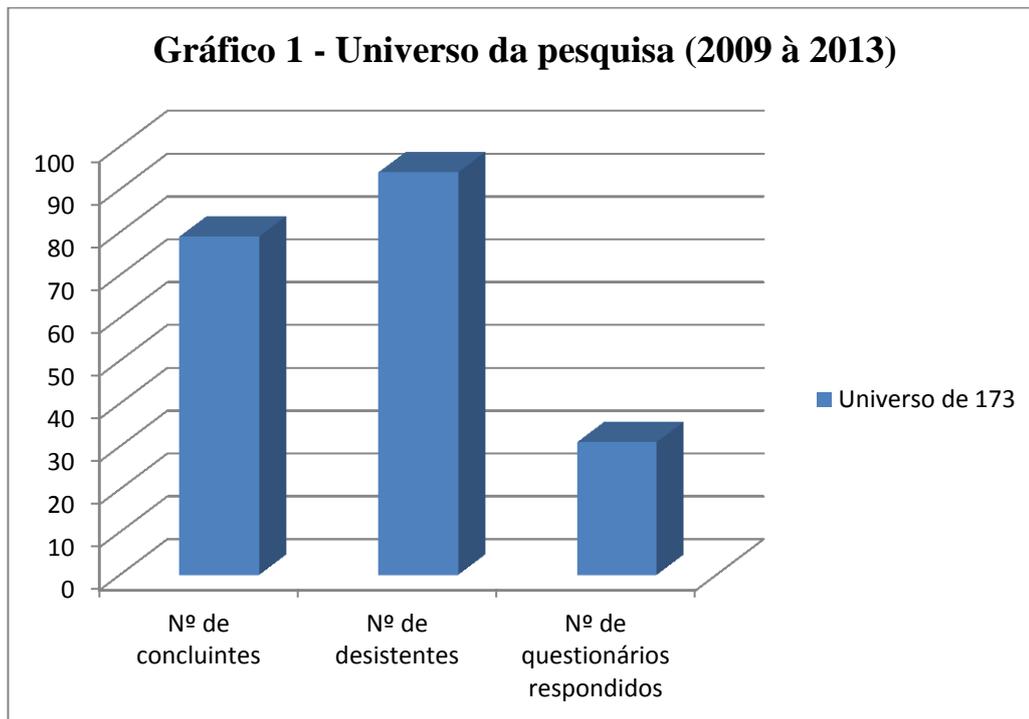
O levantamento de dados sobre a evasão no Curso de História tem sido realizado de forma constante desde 2011 e pretende manter-se a longo prazo, em observância aos resultados dos anos anteriores, com o intuito de melhor quantificar os dados que já foram tabulados e serão exibidos neste texto. Apesar de não termos êxito total no retorno dos questionários respondidos pelos desistentes, o número de respostas tem sido positivo em relação aos anos iniciais da pesquisa.

Para a análise dos dados estabeleceu-se um diálogo constante com outras pesquisas relacionadas ao ingresso e permanência de estudantes na graduação, especialmente a pesquisa sobre evasão nas graduações da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada por Ana Adachi (2009).

## **ANÁLISE DE DADOS QUANTITATIVOS**

A partir do acesso aos dados dos alunos ingressos e rematriculados no Curso de Licenciatura em História pela UFMS/CPTL durante o período de 2009 a 2013, chegamos ao número de 94 evadidos. Esse número representa os alunos que não renovaram matrícula no sistema semestral, o que equivale ao primeiro aspecto na medição da evasão, apontado por Roberto Silva Filho et ali

(2007, p.642).<sup>5</sup> Obtivemos êxito na resposta aos questionários com 31 ex-alunos, sendo, portanto, este o universo abordado.



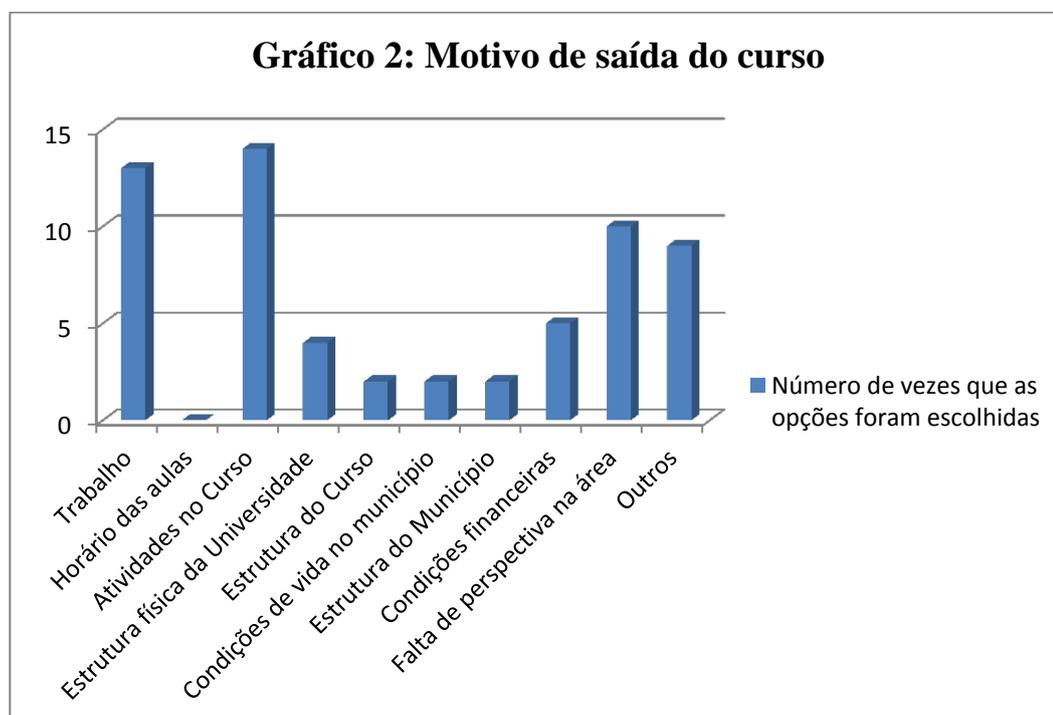
Conforme mostram os dados colhidos no período, dos 31 alunos ingressantes em 2009, 20 desistiram no decorrer do período considerado (2009-2013); de 22 ingressantes em 2010, 8 desistiram entre 2011 e 2013; dos 46 matriculados em 2011, 24 evadiram-se, e dos 38 ingressantes em 2012, 23 desistiram na passagem para o segundo ano. Dos 36 alunos que ingressaram em 2013, 19 já abandonaram o Curso. Nestes cinco anos citados, dos 173 novos alunos, 94 (54,33%) abandonaram o Curso e 79 (45,67%) concluíram ou permanecem cursando até o momento da tabulação dos dados, no segundo semestre de 2013.

Para fundamentar a pesquisa a dissertação de mestrado “Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais” (ADACHI, 2009) tem sido de grande valia. Apesar de tratar de outra região e instituição, e abordar vários cursos, a autora pontua diversos elementos importantes e comuns à pesquisa da Evasão no Curso de Licenciatura em História da UFMS/CPTL.

<sup>5</sup> O autor analisa dados oficiais e gerais da evasão em instituições públicas e privadas no Brasil, e estabelece comparações com outros países para o período de 2000 a 2005. Conforme o autor, a evasão pode ser medida na fórmula “média anual” e “evasão total”. (SILVA FILHO et ali, 2007)

Adachi (2009) faz uma análise a partir dos dados organizados em 1995 pela Comissão Especial para o Estudo da Evasão da Secretaria de Educação Superior/Ministério da Educação (Sesu/MEC), para levantar estatisticamente os problemas, e posteriormente, através de intervenções pedagógicas, políticas institucionais e acompanhamentos, diminuir a evasão. A autora aponta três principais causas de evasão que se destacaram nos dados da Comissão: **características individuais dos estudantes; fatores internos das instituições e fatores externos às instituições**, ressaltando que muitas vezes os fatores da evasão estão inter-relacionados.

Nas respostas aos questionários aplicados aos alunos desistentes do Curso de História do CPTL/UFMS, é possível observar pontos em comum, os quais podem ser notados no gráfico 2 abaixo:



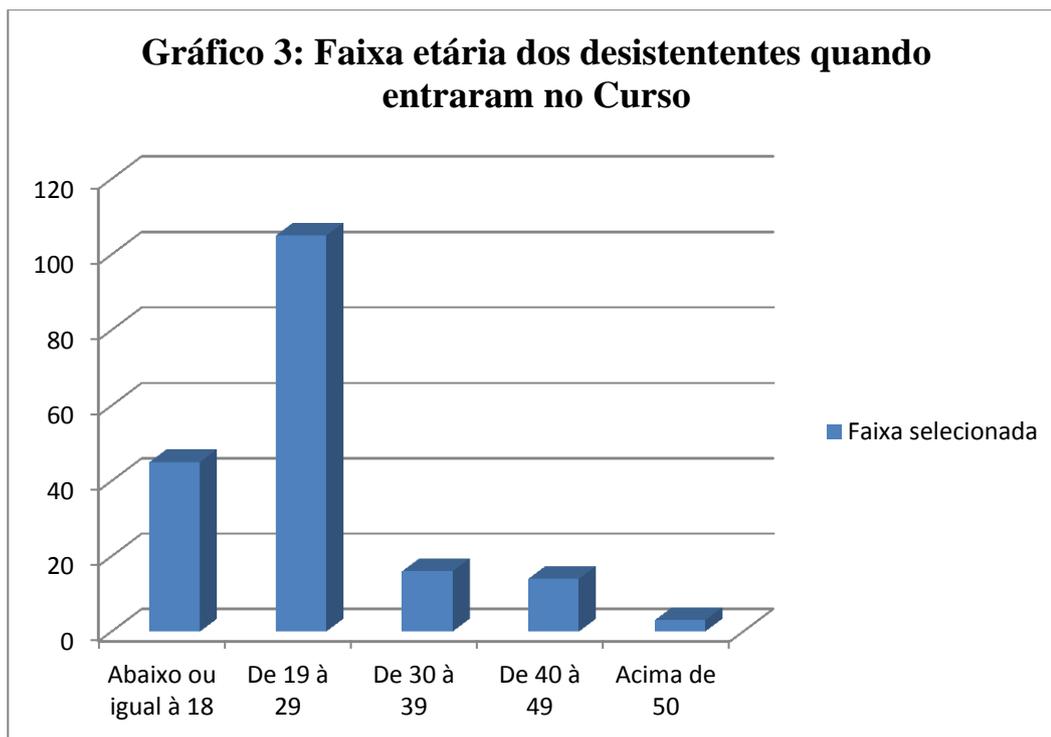
Na perspectiva apontada por Adachi podemos entender que no Gráfico 2, considerando os motivos mais citados, as “condições financeiras” (5 escolhas) e “falta de perspectiva na área” (10 escolhas) estão relacionados às **características individuais dos estudantes**, enquanto “estrutura física da universidade” (4 escolhas) e “atividades no curso” (14 escolhas) são questões relacionadas aos **fatores internos da Instituição**, e, por fim, “trabalho” (13 escolhas) condiz com **fatores externos à Instituição**. Assim como na pesquisa de Adachi, observamos que os fatores apontados estão inter-

relacionados: em nenhuma entrevista foi apontada apenas uma condicionante para saída do Curso.

Os números deste gráfico reforçam, ainda, uma percepção disseminada entre os graduandos do Curso em foco de que há uma carga de exigência muito grande: 14 indicaram como motivação para desistência a “quantidade de atividades”. Por se tratar de um Curso de Ciências Humanas em que a produção do conhecimento se dá especialmente na leitura e interpretação textual, essa percepção é mensurada entre os alunos, de forma geral, pela quantidade de textos que cada professor e o corpo docente como um todo exigem nas respectivas matérias, e pelos trabalhos de produção textual. O que parece corroborar nesta percepção é o aumento do quadro docente especialista em áreas específicas da História e do Ensino de História.

Por conseguinte, este indicador pode estar associado ao segundo maior valor, qual seja o “trabalho”, com 13 sinalizações. Uma carga horária de estudos que exige do aluno muito além das 4 horas diárias de sala de aula, conflita com o cotidiano do estudante-trabalhador. A opção em sacrificar o estudo e manter o emprego parece ser determinada, ainda, por outro dado destacado do gráfico: 10 indicações de “falta de perspectiva na área”, terceiro mais apontado. Em um ambiente de desmotivação da docência, optar em permanecer no emprego e desistir de uma futura profissão de professor parece mais coerente para os alunos.

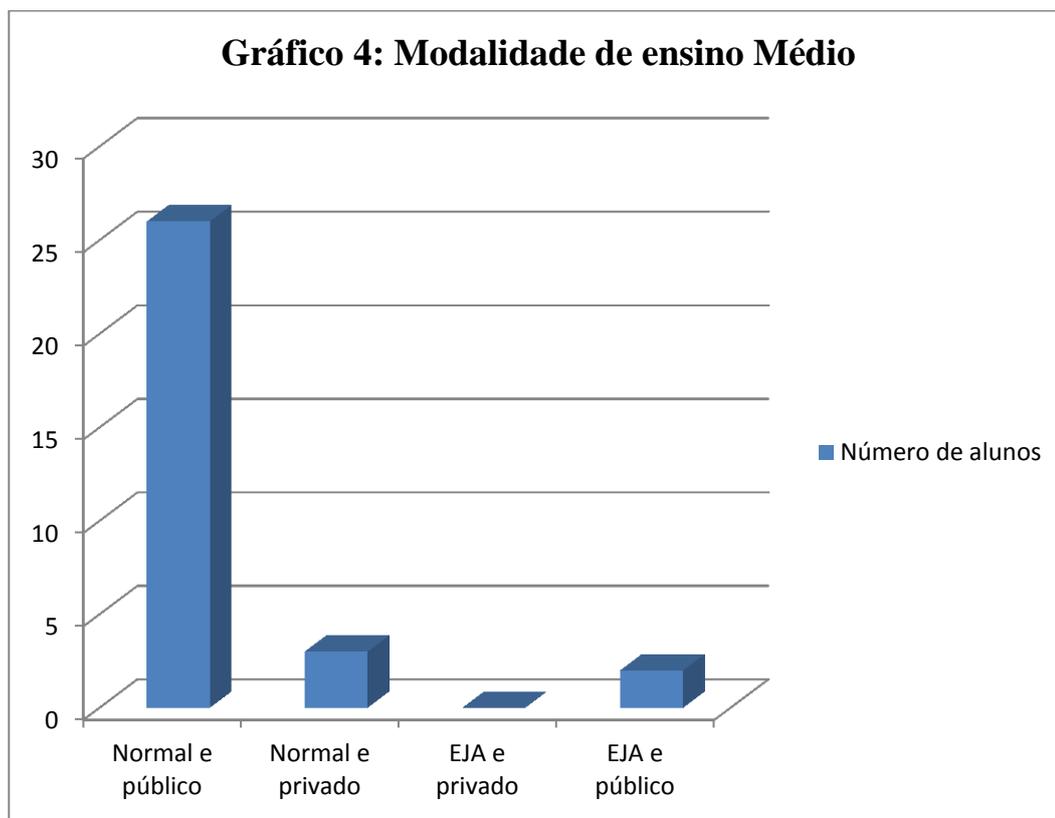
Em nossa pesquisa levamos em consideração a faixa etária do aluno, a modalidade em que cursou o ensino médio, e com quem o sujeito morava durante sua permanência no Curso, como apresentado nos gráficos seguintes:



O gráfico 3 apresenta a idade dos alunos desistentes quando do ingresso no Curso no período de 2009 a 2013. Observamos que a maioria dos alunos que evadiram ingressou na faixa dos 19 aos 29 anos. Esta tendência se confirma também quando analisamos a faixa etária no momento da desistência: a maioria (105) dos alunos tinha entre 19 e 29 anos, seguido da faixa de 18 ou abaixo (45) e de 30 à 39 (16). Portanto, conforme o gráfico, a maioria dos alunos que evadiram neste período desistiu do Curso no seu primeiro ano, pois o número de ingressantes e de evadidos se manteve na mesma faixa etária. Estes dados parecem confirmar uma tendência mundial em que a desistência no primeiro ano do curso de graduação “é duas a três vezes maior do que a dos anos seguintes”, conforme análise de Roberto Silva Filho et ali (2007, p.643).

Ao observar a relação entre o acadêmico e a universidade, e levando em consideração os fatores levantados na pesquisa, Adachi (2009) questiona o posicionamento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) diante do problema, que geralmente está ligado a adaptação ao curso ou à instituição, ou falta de clareza das perspectivas do futuro profissional, baixa atratividade, dentre outras situações que tornam a passagem na universidade mais difícil e

dura para o jovem aluno que não está acostumado com as novas metodologias da academia.



O gráfico 4 sobre a “modalidade de ensino médio” mostra que 83,87% dos alunos estudaram em escolas públicas durante o ensino médio, o que pode indicar o nível socioeconômico desses estudantes. O Curso de Licenciatura em História do CPTL/UFMS historicamente atendeu a alunos provindos da Escola Pública e isso se mantém, conforme os dados, em que pese termos atualmente uma maior presença de jovens que fizeram todo ou parte do ensino básico em escola privada. Os dados deste quadro podem ser melhor compreendidos se fizermos um levantamento dos formados no mesmo período, classificando-os em oriundos da escola pública ou privada. Estudo ainda por ser realizado.

Adachi (2009) constatou que na UFMG a minoria dos alunos que evadem cursou escolas públicas durante o ensino médio e ressalta que a base desse ensino anterior à universidade é fraca, ficando claro no desenvolvimento pedagógico do estudante. O impacto da transição escola-universidade nas práticas acadêmicas exige não só um pré-requisito educacional, mas principalmente os métodos de ensino da própria Universidade e a vida acadêmica, levando o aluno a um fracasso e abandono do curso. Conforme Maria Gisi (2006, s/p) – que se utiliza de conceitos sociológicos formulados por

Bourdieu como “habitus” e “capital cultural incorporado” – a “permanência na educação superior pressupõe condições preexistentes, em especial, capital cultural que é adquirido ao longo da trajetória de vida e escolar”. A ausência dessas condições é fator que contribui para o índice de desistência.

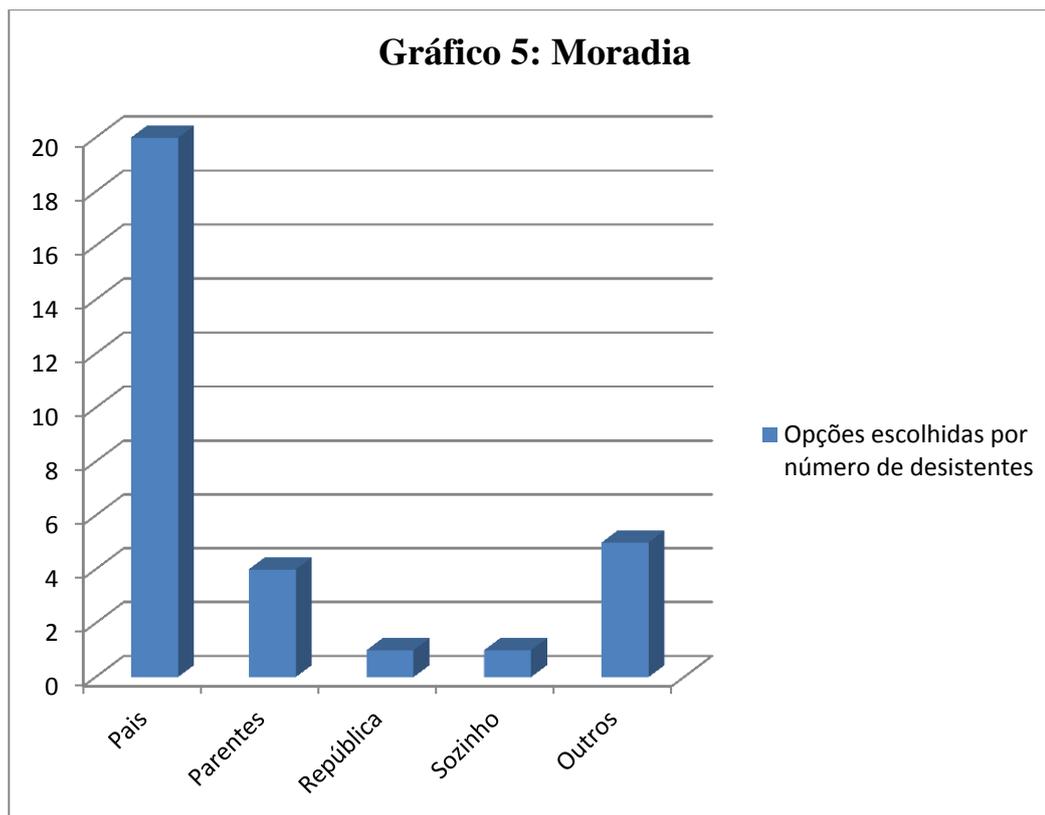
Cabe ressaltar que parte dos entrevistados (8 ex-alunos) que afirmou ter ingressado no Curso de História o fez por ser um curso de fácil acesso devido a baixa concorrência, uma opção do aluno trabalhador ou filho de trabalhador de ingressar em um Curso superior. Para Nadir Zago (2006, p.232), falar de “escolha” nessas condições,

significa ocultar questões centrais como a condição social, cultural e econômica da família e o histórico de escolarização do candidato. Para a grande maioria não existe verdadeiramente uma escolha, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizentes com sua realidade e que representam menor risco de exclusão.

O objetivo de Nadir Zago, neste e em outros escritos, é problematizar o senso comum que imputa o “sucesso escolar” aos estudantes de baixa renda que chegam à graduação. Conforme a autora, cabe questionar se este “sucesso” representa a “escolha” do curso, determinada por questões objetivas para além da vontade do sujeito, ou quer dizer da “sobrevivência” no sistema de ensino? (ZAGO, 2006, p.228)

A maioria dos evadidos na pesquisa de Adachi apresentou um perfil socioeconômico que os impõe a necessidade de trabalhar durante a graduação para manter despesas com a família. Uma graduação que exige muito tira desse tipo de aluno o perfil de aluno de universidade pública e dá a ele o perfil de aluno de universidade privada. Adachi afirma que alunos com este perfil não permanecem porque se sentem excluídos pela universidade, pois sentem falta de apoio pedagógico/psicológico e financeiro, uma vez que os auxílios só são possíveis para estudantes que não tem grandes despesas além dos gastos com a própria universidade. No caso dos ingressos no Curso de História do CPTL/UFMS, algo semelhante também se apresenta quando analisamos os dados sobre a moradia, a seguir.

**Gráfico 5: Moradia**



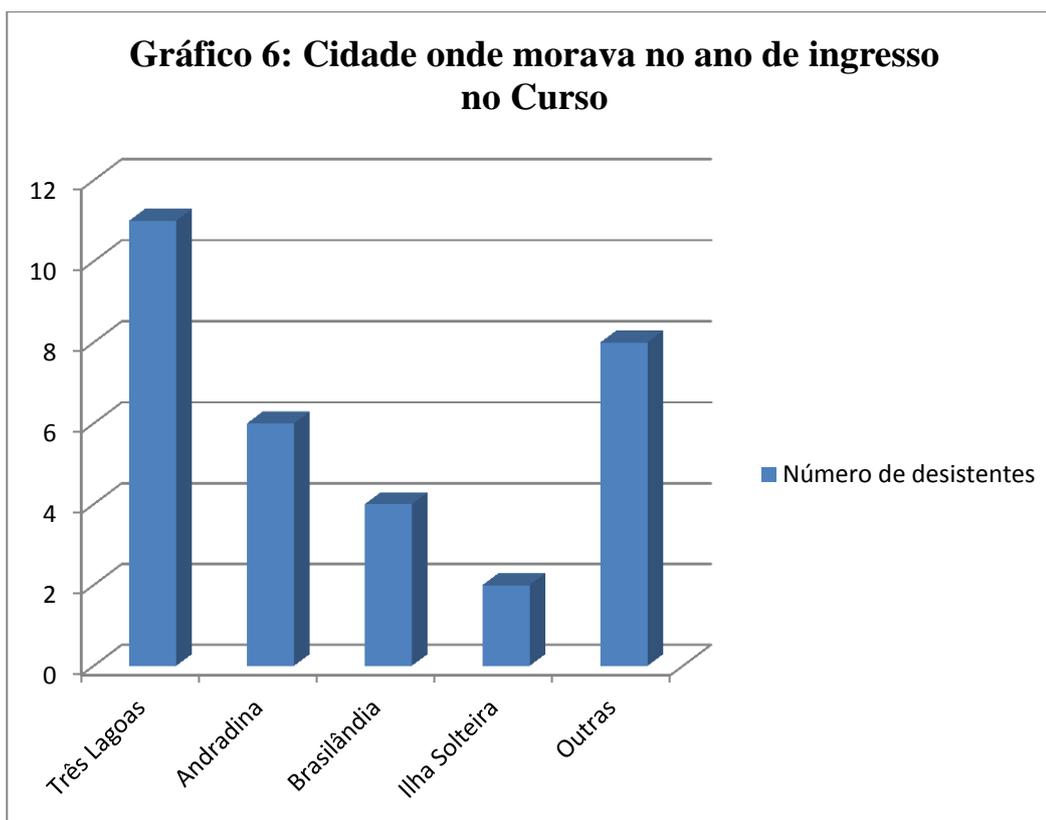
No gráfico 5 sobre o tipo de moradia dos desistentes podemos observar que a maioria (64,51%) dos alunos que ingressou no Curso morava com os pais, o que reforça mais um ponto da pesquisa de Adachi na nossa realidade em que os alunos que moravam com os pais tinham algum tipo de despesa em casa e sentiram dificuldade em aliar as atividades do Curso com a rotina de trabalho.

Quanto a base financeira como determinante para a desistência, Roberto Silva Filho et ali (2007, p.643) salientam que os estudos existentes demonstram que esta resposta é uma “simplificação”, visto que

as questões de ordem acadêmica, as expectativas do aluno em relação à sua formação e a própria integração do estudante com a instituição [questões também levantadas em nossa pesquisa] constituem, na maioria das vezes, os principais fatores que acabam por desestimular o estudante a priorizar o investimento de tempo ou financeiro, para conclusão do curso. Ou seja, ele acha que o custo benefício do “sacrifício” para obter um diploma superior na carreira escolhida não vale mais a pena.

Nos pontos seguintes avaliamos os alunos que vieram de outras cidades para estudar e tiveram dificuldades com a estrutura física da UFMS, estrutura física do Curso, condições de vida e carência de estrutura no município, bem como falta de perspectiva na área.

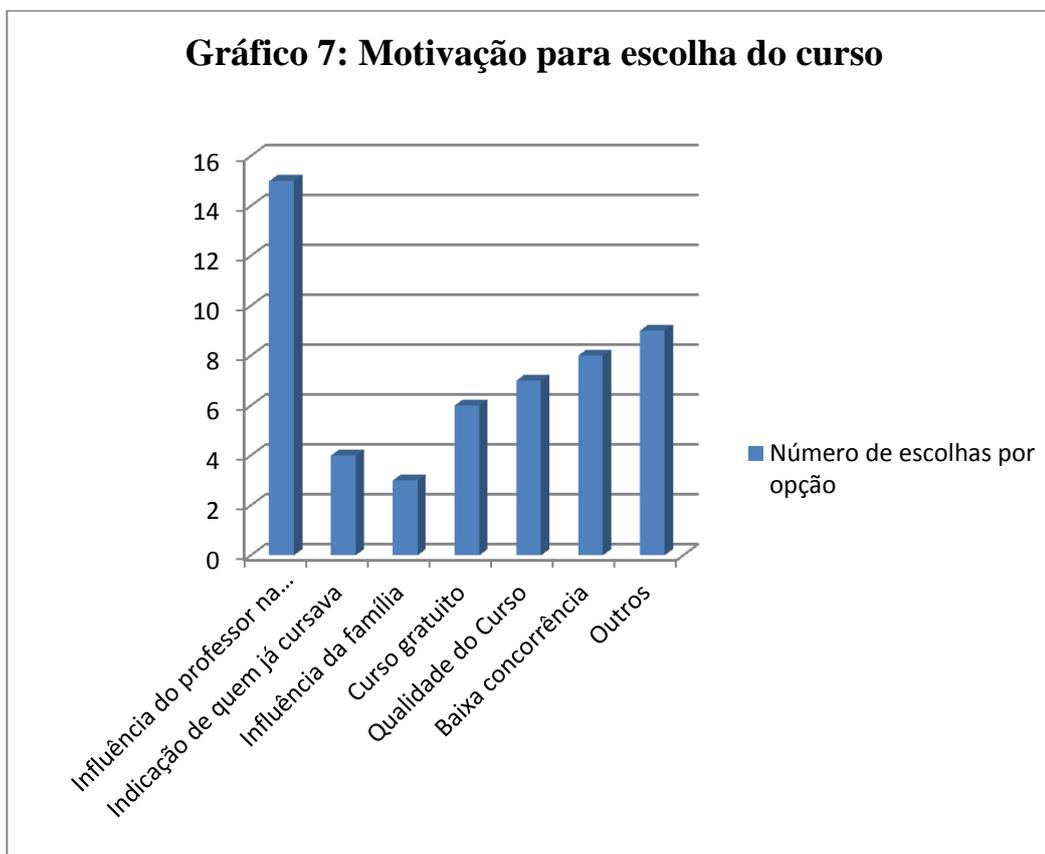
**Gráfico 6: Cidade onde morava no ano de ingresso no Curso**



No gráfico 6 observamos que 54,83% dos alunos desistentes moravam em Três Lagoas, 19,35% em Andradina-SP, 12,90% em Brasilândia-MS e 6,45% em Ilha Solteira-SP, cidades que mais aparecem, enquanto que em “Outros” são evadidos de demais cidades do interior de São Paulo e região do Bolsão sul-mato-grossense, área de abrangência do Campus da UFMS de Três Lagoas. Isso requer pensar que não é, necessariamente, a distância e dificuldade de transporte um fator de desistência, uma vez que a maioria dos desistentes morava em Três Lagoas. Alunos chegam a viajar 270km por dia, para vir e voltar da Universidade. Garantir a permanência desses estudantes em um curso presencial, diante da oferta de cursos não presenciais, é um desafio constante e que requer pensar estratégias como moradia estudantil e restaurante universitário, infraestruturas ausentes nas unidades da UFMS do interior.

Dos 31 entrevistados 11 ingressaram em outros cursos superiores após a desistência do Curso de História e 20 não iniciaram outra graduação. 18 ex-alunos afirmaram ter sido a decisão certa abandonar o Curso, enquanto 13 afirmaram que se arrependeram da decisão. Esses números, quando

confrontados com os dados sobre as motivações para a escolha do Curso de História, no gráfico 7 a seguir, sugerem mais do que arrependimento.



Se há certa incongruência entre as expectativas criadas ainda no ensino médio quanto ao “fazer História” (48,38% dos desistentes escolheram por influência do professor do ensino médio) e a realidade da Universidade que causa estranhamento e desistência, também parece haver nos cursos de licenciatura, a tirar por essa amostragem, uma margem mais larga de probabilidade de desistência, uma vez que o número de ingressantes-desistentes que iniciam por determinantes frágeis como “baixa concorrência” e “gratuidade do curso” é significativo (41,93%). Pode-se considerar, também, como fatores que influenciam na baixa procura e ou na desistência do Curso de Licenciatura em História, o aumento de oferta pública e privada de cursos de graduação (a distância e presencial), bem como de cursos técnicos de nível superior e médio. Todavia, não se trata de uma questão simples e correlata ao mercado (oferta e procura).

Por fim, cabe acrescentar ainda um breve apontamento acerca de um artigo publicado no jornal digital *Gazeta do Povo*<sup>6</sup>, sobre a desistência nos cursos de Licenciatura. De acordo com o texto, na Universidade do Paraná 40% dos estudantes que ingressam em algum curso de licenciatura não chegam a se formar, todo ano cerca de 15,3% desistem dos cursos voltados para formação de professores do ensino fundamental e médio. O texto, com base em dados do Censo levantado pelo Instituto Lobo, demonstra que a sala de aula não atrai profissionalmente e existe uma grande dificuldade em formar novos docentes.

Este problema de evasão não se restringe ao Paraná, pois em nossa pesquisa observamos que dos 31 entrevistados 10 saíram do curso devido a falta de perspectiva na área (ver gráfico 2).

Por todo o Brasil as universidades apresentam alto índice de evasão nos setores de licenciatura (48% não chegam a se formar, todo ano 19,6% desistem do curso). No Paraná o governo criou um fórum para tratar do problema e reverter o quadro da evasão, afim de atrair novos alunos para os cursos de licenciatura e também para garantir que o mesmo permaneça no curso a partir de novas políticas para este setor.

De acordo com o texto um dos fatores que mais afastam os futuros profissionais da área de educação é o baixo salário, isso faz com que essas pessoas migrem para outras áreas. Luciana França Leme, doutoranda em educação pela USP, afirma na matéria do jornal *Gazeta do Povo* que é preciso lidar com o problema de forma íntegra, para que o professor se sinta valorizado e aumentar o salário seria uma das principais medidas.

Maria Helena Guariente, diretora de apoio a ação pedagógica da UEL, salienta também no jornal que as universidades têm trabalhado para amenizar a evasão através da adesão a programas de incentivo a permanência nos cursos de licenciatura. Uma dessas alternativas é o Pibid, iniciado em 2009 pelo governo federal, com a oferta de bolsas no valor de R\$400 para alunos de licenciatura. Na UFMS o Pibid funciona também desde 2009 e no curso de Licenciatura em História do Campus de Três Lagoas são oferecidas 20 bolsas.

---

<sup>6</sup>*Gazeta do Povo*, 19/07/2013, <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1392135&tit=Evasao-em-licenciatura-chega-a-39>

Cabe ainda estudar os efeitos deste programa na vida profissional do egresso, se segue ou não a carreira docente.

Conforme o texto publicado no jornal *Gazeta do Povo*, os alunos se sentem desmotivados em geral pela desvalorização da profissão de professor, objetivada no baixo salário, por sentirem que na universidade investem pesado e exercem grandes esforços e depois de formados não tem o retorno merecido, por isso evadem ou se formam, mas não exercem a profissão na mesma área. O texto aponta que mesmo os alunos que não abandonaram o curso de licenciatura pensam muito e têm várias dúvidas se vão lecionar após se formarem, pois sabem da desvalorização da profissão, do desgaste e da falta de retorno financeiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A metodologia de ingresso nos cursos da UFMS via SISU/ENEM, particularmente no de História, alvo desta pesquisa, aponta para outras problemáticas que aparecem implícitas nos dados analisados e que devem ser melhor estudadas futuramente. Do que se pode observar até aqui, a metodologia SISU/ENEM fez crescer a procura pelo Curso, todavia não voltou aos patamares de ingresso e permanência dos anos anteriores à 2009. Um problema observado na metodologia SISU/ENEM é que ao preencher vagas em chamadas sucessivas, com casos de até sexta chamada, os alunos que não fizeram a opção primeira pela Licenciatura em História e pela UFMS, parece estarem mais suscetíveis a desistência. Isso tem se refletido na evasão em menor espaço de tempo, ainda no primeiro semestre letivo.

De acordo com os dados tabulados e conforme a pesquisa feita por Adachi e o artigo do jornal *Gazeta do Povo*, a desistência também ocorre porque os alunos que buscam cursos de licenciatura o fazem por ser um curso de baixa concorrência. Grande parte dos alunos é da classe trabalhadora, carente de uma boa base educacional na escola pública, e por isso não consegue adentrar em outros cursos de media/grande concorrência. Porém quando esses jovens entram na universidade pública se deparam com outros problemas como as dificuldades metodológicas e pedagógicas da transição

escola-universidade, dificuldade em conciliar trabalho/curso, a quantidade de atividades exigidas como requisito, além de dificuldades financeiras.

Um ponto fundamental a ser destacado a respeito da desistência é a falta de perspectiva na área devido a desvalorização da profissão de professor. Esta assertiva pode ser observada no caminho seguido pelos entrevistados que iniciaram outra graduação: nenhum entrou em outro curso de licenciatura e a maioria afirmou ter acertado na saída do curso e ter ingressado em outra área. A maioria que não ingressou em outra graduação se arrepende de ter abandonado o curso porque gostava, mas não via um futuro como graduado em um curso de licenciatura. Portanto, não se trata de uma questão de “oferta e procura” (mais oferta de cursos leva a uma diminuição da procura por estar diluída em diversas origens ofertadas). A profissão de professor não atrai, se comparada a outras profissões.

O resultado desta pesquisa se mostra alarmante, pois o quadro de evasão é um problema nacional, que tem se agravado e não recebe a atenção necessária ao pensarmos que a educação nas escolas públicas tem perdido cada vez mais qualidade.

Cabe inicialmente ao próprio Curso estudar as formas como deve ser feita a abordagem ao sujeito que tem um perfil aparentemente propenso a evasão, e através de estratégias psicológicas e pedagógicas ou mesmo novas metodologias aplicadas a este aluno, ou de forma geral no Curso, procurar reverter o problema. Claro que estas ações só serão eficazes se as tendências de evasão estiverem ligadas a problemas como: relacionamento com outros indivíduos e professores, dificuldades com relação ao currículo ou as metodologias e adaptação a universidade e rotina de estudos. Já quando o aluno não está certo quanto à escolha do curso ou tem dúvidas com o que escolheu, cabe à parte administrativa da universidade avaliar e ponderar se este aluno poderia ser transferido de curso ou de campi, uma vez que o aluno já está no sistema acadêmico. As universidades não desenvolveram um processo que evite a evasão, dessa forma atualmente não se tem como prever e conseqüentemente evitar que um acadêmico abandone o curso.

O governo, via MEC, também parece não ter políticas para este problema, uma vez que enfoca os números, exigindo índices de aprovação e não a formulação de políticas para melhorar as condições de trabalho no

ensino básico, de estratégias para despertar o interesse dos jovens pelo ofício de professor e para diminuir a desistência. Cabe ainda, neste sentido, pensarmos a desistência como um processo na vida do indivíduo, e não algo momentâneo e decisão particular. Se entendemos como um processo, é algo que não se inicia na graduação, mas vem de vivências anteriores, relações socioeconômicas e a formação no ensino básico. Isso requer pensar, então, a formação básica, e nesta formação o papel da Universidade na Escola.

## REFERÊNCIAS

ADACHI, Ana Amélia Chaves Teixeira. *Evasão e evadidos nos cursos de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ANIBAL, Felipe. Evasão em licenciatura chega a 39%. Quatro em cada dez alunos que iniciam uma graduação voltada à formação de professores não chegam ao fim do curso no Paraná. *Gazeta do Povo*. 19/07/2013. <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1392135&tit=Evasao-em-licenciatura-chega-a-39>

GISI, Maria Lourdes. A educação superior no Brasil e o caráter do acesso e da permanência. *Revista Diálogo Educacional*, PUCPR, Curitiba, v. 06, n. 17, 2006.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo e, et ali. A evasão no ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p.641-659.

UFMS. *Projeto Pedagógico do Curso de História – Licenciatura*. 2013. <http://historiacptl.ufms.br/wp-content/uploads/2013/05/ppp.pdf>

ZAGO, Nadir. Do acesso a permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*. V. 11. N.32, 2006, p.226-237.